Fatores-Chave na Direção dos Preços!!

O mercado de café permanece volátil diante incertezas relacionadas aos fundamentos e ao cenário macroeconômico. Apesar dos preços já não estarem tão bons como no mês anterior, ainda assim, seguem bem acima da média dos últimos anos. O fator determinante para os preços no próximo semestre deve seguir sendo a evolução no fluxo das exportações globais e as condições climáticas para a safra brasileira de 2026. Fatores altistas: oferta de curto prazo restrita, produtores mais comedidos para a venda de seus lotes, estoques em níveis críticos, queda nas exportações, clima irregular no Brasil, chegada do inverno no hemisfério norte, dólar desvalorizado globalmente. Fatores baixistas: isenção das tarifas de importação norte-americanas para os cafés brasileiros, aproximação do fluxo de cafés de outras origens em fase de colheita ao mercado, melhoria das condições climáticas no Vietnã, primeiras previsões da safra brasileira para o próximo ano, interesse fraco dos exportadores no curto prazo, viés técnico de baixa. Em suma, no curto/médio prazo, a isenção das tarifas norte americanas, o quadro de oferta restrita e as oscilações cambiais devem ditar o rumo dos preços. Além disso, é preciso estar ciente de que a chegada de cafés de outras origens ao mercado, em maior volume, deverá pressionar as cotações. No médio/longo prazo, os preços deverão se ajustar de acordo com o volume da próxima safra brasileira, portanto, muita atenção ao clima.

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Set/25 a Dez/25)



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé, 05/12/2025

Fechamentos - Mês de Novembro/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R$/sc)	R$2.365,00	R$2.560,00	R$2.400,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R$/sc)	R$2.265,00	R$2.450,00	R$2.300,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R$/sc)	R$1.520,00	R$1.680,00	R$1.545,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R$/sc)	R$1.260,00	R$1.380,00	R$ 1.360,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	369,45	399,30	381,20
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	4.128,00	4.615,00	4.413,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R$	R$ 5,2729	R$ 5,3948	R$ 5,3338

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.
*Contrato/Vencimento: março/2026

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No mês de novembro/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica atingiu a máxima de 400,65 cents/lb, não esboçando força para ir além desse nível. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), chegou a ser negociado na máxima de USD 4.694,00/ton e, de modo similar ao Arábica, também não esboçou força para atingir níveis superiores a este. Apesar de um mês com viés de baixa tanto para os Arábicas como para os Canephoras, a seguir, alguns fatores que deram sustentação para os preços, sobretudo, nos primeiros 10 dias do mês, com algumas possibilidades futuras.

Ainda sem muitas novidades relacionadas aos fundamentos de oferta e demanda, conforme posto na Síntese do mês passado, enquanto os cafés de outras origens que estão em pleno período de colheita, tais como Vietnã, Colômbia e América Central, não chegam em maior volume ao mercado, a oferta segue restrita e indo de encontro ao início da temporada de inverno no Hemisfério Norte, o que segue minando quedas de preços mais abruptas. Assim, no curto prazo, o cenário segue de oferta escassa e restrita a uma origem cuja safra colhida foi frustrante, o Brasil. Além da perda do potencial produtivo da safra brasileira de 2025 em função da estiagem do ano passado e do veranico deste ano, uma postura mais retraída dos produtores brasileiros limita ainda mais o abastecimento global no curto prazo. Dados da Safras e Mercado apontam que o percentual de comercialização dos produtores de café encontra-se em torno de 10% inferior ao mesmo período do ano passado e de 5% à em relação à média histórica.

De acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), o Brasil exportou 3,582 milhões de sacas de café no mês de novembro/25, volume que implica queda de 26,73% em relação as 4,889 milhões de sacas embarcadas no mesmo mês de 2024. Nos cinco primeiros meses do ano safra 2025/26, a performance é parecida, com os embarques caindo 21,65%, indo para 17,435 milhões de sacas. Já no ano civil, de janeiro a novembro de 2025, o Brasil exportou 36,868 milhões de sacas, o que representa um declínio de 20,98% frente aos 46,658 milhões de sacas exportados nos onze primeiros meses do ano passado. De acordo com o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, "*A maior entrada de dólares com os embarques de café do Brasil em novembro, na safra e no acumulado de 2025 reflete as cotações mais elevadas no mercado, com preços médios cerca de 50% superiores aos mesmos períodos antecedentes. Já o recuo no volume era esperado após números de exportações recordes em 2024 e menor disponibilidade do produto neste ano. O impacto gerado pelos quase quatro meses de tarifaço de 50% imposto pelos Estados Unidos sobre a importação dos cafés do Brasil e a dificuldade para embarcar devido à defasagem da infraestrutura portuária no país foram fatores que também afetaram o desempenho do setor*". Em parte, o fluxo menor de remessas ao exterior e a consequente queda dos estoques certificados de NY se devem: às exportações recordes de 2024 que culminaram em níveis de estoques extremamente críticos, à perda do potencial produtivo da safra 2025/26 impactada pelo clima, à retranca dos produtores na comercialização de seus cafés e, ainda, aos efeitos das tarifas norte-americanas impostas às importações do Brasil que potencializaram o declínio das exportações do atual ciclo e dos níveis de estoques de NY. Consequentemente, no decorrer do mês de novembro, na Bolsa de Nova Iorque, os estoques certificados apresentaram queda de 24,25%. Ao final de outubro/25, os estoques certificados de NY estavam em 431.728 scs contra 406.959 scs ao final de novembro/25. Há um ano atrás, os estoques certificados de NY excediam 900.000 scs. De acordo com a Reuters, existe a expectativa de que, diante uma lacuna existente entre os preços no mercado físico interno e as cotações da Bolsa de NY, algumas

tradings devem aproveitar a oportunidade para arbitrar o mercado enviando cafés brasileiros para armazéns europeus credenciados na ICE Futures US (NY). Um sinal claro que o mercado físico interno não vem acompanhando as oscilações nas Bolsas.

Apesar do incremento de produção em outras origens para o atual ciclo (2025/26), tais como Vietnã, Etiópia, Indonésia, dentre outras, que culminará em um novo recorde de produção global (178,680 milhões de sacas), é preciso seguir atento ao fato de que, ainda assim, de acordo com dados do USDA, os estoques globais ao final do ciclo 2025/26 estão estimados em 22,819 milhões de sacas, o que representa 13,47% do consumo global, portanto, um nível crítico e também insuficiente para, sequer, dois meses do consumo global estimado em 169,363 milhões de sacas e que também representa um recorde, o que tende a manter o mercado extremamente sensível a qualquer adversidade climática. No mês de dezembro/25, o USDA deve publicar seu segundo relatório de mercado, com alguns ajustes para o balanço deste ciclo. Após a queda de rendimento confirmada no decorrer da colheita deste ano aqui no Brasil, seria plausível uma redução da safra brasileira deste ano.

Para o próximo ciclo, a bola da vez segue sendo o potencial produtivo para a próxima safra do Brasil. Apesar de um clima não tão desfavorável como no ano passado, a apreensão climática ainda perdura, principalmente diante o La Niña que está de volta e deve persistir até fevereiro/março de 2026. Embora a expectativa seja de um episódio fraco, de curta duração, o La Niña cria um cenário de maior volatilidade e incertezas para o mercado de café. Como se sabe, o La Niña apresenta impactos distintos e até opostos na cafeicultura global, a depender da região produtora. No Brasil, a região sudeste e centro oeste, regiões de Arábica, o padrão típico do La Niña sugere chuvas mais irregulares e temperaturas abaixo da média, o que pode levar a um estresse hídrico se as chuvas demorarem a se regularizar, como já vem ocorrendo em determinadas regiões. No Vietnã, o La Niña, como visto recentemente, aumenta o risco de chuvas intensas e prolongadas durante a temporada de colheita, o que pode prejudicar a maturação dos frutos, afetar a qualidade dos grãos e atrasar a colheita, reduzindo a oferta de café robusta no mercado internacional. Já na Colômbia e América Central, de modo similar ao Vietnã, chuvas excessivas e tempestades causadas pelo fenômeno podem interferir na colheita e no processamento do café, impactando a qualidade dos grãos e a disponibilidade de cafés Arábicas. O atual fenômeno La Niña, apesar de previsto para ser de intensidade fraca a moderada e com duração até o início de 2026, já vem deixando algumas marcas negativas para a produção global de café, tais como as chuvas excessivas e tempestades recentes no Vietnã e as chuvas irregulares em importantes regiões cafeeiras do Brasil. Após as floradas desuniformes que ocorreram em diversas regiões produtoras de Arábica no Brasil, o mercado segue cauteloso acompanhando as chuvas que, no mês de novembro, ainda seguiram irregulares com exceção de determinadas regiões. De acordo com os boletins de Avisos Fitossanitários da Fundação Procafé, as precipitações da região do Cerrado apresentaram um acumulado médio de 104,8 mm em novembro, um volume bem inferior à média histórica para as três regiões, mantendo os déficits hídricos para Araxá (269 mm), Araguari (404 mm) e Patrocínio (290 mm). Já na região de Franca as precipitações foram de 82 mm, sendo que, na média histórica da região, o normal seria 206 mm. No Sul de Minas, com exceção da região da Mantiqueira e da microrregião de Varginha que, apesar dos eventos com granizo, apresentaram bom volume de chuvas, as demais regiões monitoradas pela Fundação Procafé também apresentaram volume inferior à média histórica. Ainda, conforme relatado pelos pesquisadores da Procafé, Alysson Vilela Fagundes e Alexandre Pedrosa Pinto, no Podcast de nr. 198 da Fundação Procafé, embora sem muita regularidade, os

eventos de chuva espaçados (agosto, setembro e outubro), acabou ocasionando diversas floradas (em setembro, outubro e novembro) nas regiões monitoradas pela Procafé. Como as floradas de setembro e novembro estão muito distantes, o efeito dreno deve ser mais intenso trazendo como principal consequência uma queda maior dos chumbinhos das últimas floradas.

Ao final do mês de outubro/25, conforme já era esperado, o FED (Banco Central dos EUA) promoveu mais um corte de 0,25% nos juros norte-americanos, estabelecendo uma nova na faixa de 3,75% a 4,00% ao ano. Essa decisão marcou o segundo corte consecutivo de juros em 2025, reduzindo a taxa em 0,25%. O objetivo do FED é tornar o ambiente mais favorável ao mercado de trabalho, mas sem estimular a inflação tornando o crédito mais acessível. Assim sendo, o FED segue atento aos riscos que afetam os dois lados. Agora, no início deste mês de dezembro, já existe uma nova expectativa do mercado financeiro para mais um corte, o que levará a taxa para o intervalo atual de 3,50% a 3,75%. O cenário prospectivo mudou nos últimos meses e tudo leva a crer que o FED deve dar sequência à política de corte de juros no ano de 2026. A política de juros nos EUA gera reflexos no Brasil, sobretudo no câmbio. No Brasil, a expectativa é que o Copom deva manter a taxa Selic em 15% ao ano na próxima e última reunião de 2025, a ocorrer em 10 de dezembro. Este é o maior nível em quase 20 anos. Diante a atual taxa de juros no Brasil, o diferencial da taxa de juros Brasil/EUA aumentou ainda mais, o que tende estimular o fluxo de recursos financeiros dos EUA para o Brasil, gerando um viés de desvalorização do dólar contra o real, o que é favorável para as cotações do café nas Bolsas de Futuros, mas desfavorável para os preços no mercado interno.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de novembro/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), após atingir a máxima de 400,65 cents/lb, o café Arábica cedeu e encerrou o mês com fechamento em 381,20 cents/lb. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que chegou a ser negociado na máxima de USD 4.694,00/ton, de modo similar ao Arábica, também cedeu e encerrou o mês com fechamento em USD 4.413,00/ton. A seguir, os fatores que pressionaram os preços no decorrer do mês de novembro com algumas possibilidades futuras.

Para estabelecer novos níveis de preços, o mercado segue aguardando a consolidação dos fluxos de oferta de origens que estão em pleno período de colheita, tais como Vietnã, Colômbia e América Central para redefinir o equilíbrio no abastecimento cujo balanço ainda segue apertado. Caso esse fluxo maior de outras origens, que geralmente ocorre entre os meses de fevereiro e março, colida com uma possível oferta do volume de café que vem sendo retido no Brasil diante uma postura comercial mais retraída dos produtores brasileiros, os preços muito provavelmente serão pressionados. O entendimento dos players de mercado segue sendo de aumento na oferta global de café nos próximos meses, o que tende a trazer alívio ao atual quadro de oferta restrita, pressionando as cotações. Além disso, dados da Safras e Mercado apontam que o percentual de cafés comercializados pelos produtores brasileiros a esta altura segue bem inferior quando comparado ao mesmo período do ano passado, com algo em torno de 10% a menos do que o mesmo período do ano passado e de 5% a menos do que a média histórica. A grande questão é que o mercado segue esperando que a oferta desse percentual retido chegue ao mercado nos próximos meses, o que pode colidir com o pico de abastecimento das demais origens citadas (fevereiro, março e abril), pressionando o mercado de um modo geral, tanto dos Arábicas como dos Canephoras que, a propósito, brevemente tendem a sofrer maior pressão do que os Arábicas

diante o melhor progresso da colheita dos cafés vietnamitas haja vista que mais recentemente, após os episódios de chuvas excessivas, o clima voltou a colaborar.

Com relação ao real potencial da safra brasileira de 2026, existe a possibilidade de safra recorde? Dados da Safras e Mercado e da StoneX, duas agências de consultoria mercadológica renomadas, apontam que sim. Embora cedo para se cravar, a possibilidade existe, mas não em função dos níveis de produtividade atuais já prejudicados pelo clima e sim das áreas cafeeiras que entrarão em produção no ano que vem, sejam provenientes de áreas retornando de safra zero ou de novos plantios ou renovação de lavouras entrando em produção com materiais genéticos mais produtivos e estandes mais reduzidos. Assim, é possível concluir que a grande incógnita para se falar em uma safra 2026/27 recorde ou não, é no que diz respeito à área exata em produção de café no Brasil, pois como se sabe, existem grandes diferenças entre as diversas fontes. A seguir, dados do levantamento da safra brasileira 2026/27 das empresas mencionadas:

- Safras e Mercado: Para o Arábica, aumento de 21,77% da safra de 2025 para 2026, saindo de 38,35 milhões de sacas para 46,70 milhões. Para os Canephoras, uma redução de 6,18% da safra de 2025 para 2026, saindo de 25,90 milhões de sacas para 24,30 milhões. Consequentemente, no geral, aponta-se um aumento de 10,5% da safra brasileira de 2025 para 2026, saindo de 64,25 milhões de sacas para 71,00 milhões, um volume maior do que o último recorde apontado pela Safras e Mercado em 70,27 milhões de sacas no ano de 2020.

- StoneX: Para o Arábica, aumento de 29,32% da safra de 2025 para 2026, saindo de 36,5 milhões de sacas para 47,2 milhões. Para os Canephoras, uma redução de 8,91% da safra de 2025 para 2026, saindo de 25,8 milhões de sacas para 23,5 milhões. Consequentemente, no geral, aponta-se um aumento de 13,48% da safra brasileira de 2025 para 2026, saindo de 62,3 milhões de sacas para 70,7 milhões, um volume maior do que o último recorde apontado pela StoneX em 67,60 milhões de sacas no ano de 2020. Informações mais detalhadas da StoneX reforçam a tese de que apesar das as condições climáticas se mostrarem determinantes e limitarem o potencial de produtividade para o ano que vem, o aumento da área em produção, com áreas retornando de safra zero ou de novos plantios e renovação de lavouras entrando em produção com materiais genéticos mais produtivos e estandes mais reduzidos, devem ser os responsáveis por uma safra brasileira mais volumosa em 2026. De acordo com a StoneX, "*o saldo geral da safra 26/27 será resultado do equilíbrio entre a queda produtiva em algumas regiões de arábica e de conilon, compensadas pelo aumento de área plantada, pelas boas produtividades em lavouras novas e pela alta esperada em Rondônia*". "*Em síntese, o Brasil possuía potencial para uma safra ainda maior, mas as adversidades climáticas e o desgaste do parque cafeeiro limitaram esse resultado. Mesmo assim, a produção deverá avançar em 26/27. Mesmo estimada em 70,7 milhões de sacas e representando um incremento de 13,5%, é uma safra aquém do potencial que poderia ser alcançado em condições climáticas ideais*", relata a StoneX.

Se por um lado, os produtores seguem mais comedidos em vender seus lotes, por outro lado, a ponta compradora continua na expectativa de arrefecimento nos preços e, por isso, segue evitando custo de carrego, reduzindo procura e aguardando a chegada de café das outras origens a partir dos próximos meses. O mercado invertido nas Bolsas de NY e Londres seguem indicando preços mais baratos para o primeiro semestre do ano que vem. Desta forma, os exportadores também adotam uma postura mais comedida em suas investidas no mercado, optando por aguardar preços menos elevados, direcionando, assim, seus esforços de compras para suprir suas demandas internacionais apenas para o primeiro semestre de 2026.

De acordo com o Cecafé, a defasagem na infraestrutura dos portos brasileiros e os gargalos logísticos seguem gerando prejuízos milionários aos exportadores de café. De acordo com o levantamento mais recente realizado pelo Cecafé, os associados da entidade tiveram prejuízo de R$ 8,719 milhões com armazenagens adicionais, pré-stacking e detentions, somente em outubro de 2025, devido à impossibilidade de embarque de 2.065 contêineres — 681.590 sacas – do produto. Como maior parte das exportações brasileiras se dão pelo formato FOB (free on board – livre a bordo do navio), parte dos custos adicionais são descontados do preço pago a produtor, o que pressiona ainda mais as cotações no mercado interno.

Devido à pressão interna nos EUA relacionada ao aumento do custo de vida e da inflação de produtos como café, os EUA zeraram as tarifas que haviam sido impostas ao café brasileiro recentemente. A medida, que removeu uma sobretaxa de 40%, foi anunciada em novembro e já está em vigor, com efeito retroativo a 13 de novembro, o que significa que a isenção vale para produtos que entraram nos EUA a partir de 13 de novembro, permitindo que os importadores sejam ressarcidos por taxas já pagas. Apesar de extremamente saudável para o mercado, o êxito na isenção das tarifas para os cafés brasileiros pode atuar como um fator de pressão uma vez que a medida pode beneficiar o fluxo de exportações brasileiras para os EUA, se tornando, inclusive, um contraponto para estancar a queda livre dos estoques certificados de NY. Por ora, é importante ressaltar que as tarifas para o café solúvel do Brasil ainda sofrem uma taxação de 50% nos EUA, uma questão que continua a ser monitorada pelo setor, como informado pelo Cecafé.

Com relação ao câmbio, a deterioração do Dólar contra o Real que encerrou o mês de novembro com a Ptax de venda a R$ 5,3338, certamente é um fator que inibe uma precificação melhor dos preços no mercado físico interno. E, diante a atual taxa de juros no Brasil, de 15% ao ano, o diferencial da taxa de juros Brasil/EUA aumentou ainda mais, o que tende a estimular o fluxo de recursos financeiros dos EUA para o Brasil, gerando um viés de desvalorização do dólar contra o real, o que é desfavorável para a composição dos preços pagos aos cafeicultores pelos exportadores que seguem sem muito interesse em função dos diferenciais de base firmes e do mercado invertido com vencimentos futuros indicando preços mais baratos do que os vencimentos à vista e/ou mais curtos.

Enquanto indicadores técnicos como MACD, IFR e Bandas de Bollinger apontam um mercado lateralizado (motivo pelo qual não estão presentes no gráfico da primeira página), as médias móveis de curto e médio prazo evidenciam o viés de baixa das cotações no decorrer do mês de novembro/25, com rompimento dos importantes suportes de 9 (378,20 c/l), 21 (383,70 c/l) e 50 (390,15 c/l) períodos. Enquanto os primeiros indicadores expõem um mercado sem direção definida, as médias móveis parecem indicar que o mercado está mirando o suporte de 100 períodos (367,50 cents/lb). O rompimento desse atual suporte, provavelmente dependerá da percepção dos players do mercado no que tange aspectos já descritos no decorrer desta síntese, o que leva a crer que não deve tardar.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Muita atenção ao fluxo dos embarques que está se desenhando para os próximos meses, pois certamente atenuarão o aperto na oferta de curto prazo e, se o clima não atrapalhar ainda mais o potencial produtivo para o próximo ano, os preços não devem tardar a romper determinados

suportes que ainda seguem respeitando. É lógico que no mercado de café, tudo pode acontecer. Diante os níveis críticos dos estoques de passagem no final do atual ciclo, qualquer surto climático de média a maior intensidade, pode levar o mercado a buscar novos picos. Porém, lembrem-se que os preços são frutos de percepções relacionadas aos fundamentos e a outros fatores que impactam o café como um ativo financeiro que também é. E, atualmente, tudo leva a crer que a atual percepção dos players que operam no mercado de café é a de que os fatores descritos no início do presente parágrafo estão mais para se consubstanciarem do que se dissiparem. O mercado invertido nas Bolsa de NY e de Londres evidencia claramente esta percepção. Portanto, talvez seja o momento de participar um pouco mais e aproveitar as oportunidades de preços que, apesar de já não tão abundantes como há um mês atrás, ainda seguem dando as caras em alguns momentos. É fato que a postura mais retraída dos produtores brasileiros certamente segue como um dos principais fatores de sustentação de curto prazo, mas até quando? Será que essa retração não vai dar lugar a uma oferta maior do que deveria ser para o primeiro semestre de 2026? O receio que fica é de um possível aumento de volume no fluxo comercial do Brasil colidir com: o aumento do fluxo de exportações de outras origens no primeiro semestre do ano que vem juntamente com uma boa perspectiva produtiva para o próximo ciclo. Por isso, talvez seja hora de dosar um pouco mais a expectativa de preços para o próximo ano.

Varginha, 05 de dezembro de 2025.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé